

ANO 44-1, 2010

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

revista portuguesa de
pedagogia

Ensino superior para o novo século. Problema ou solução?

João Boavida¹

O artigo chama a atenção para a difícil conciliação que as universidades terão que fazer entre investigação e ensino, em condições sociais inéditas e na nova ordem mundial em que se encontram. Reconhece a dificuldade em mudar mentalidades e atitudes mas vê na qualificação pedagógica, em sentido lato, o único caminho possível. Reconhece também, como sinal de esperança, que ao longo da sua história o ensino universitário tem sabido responder às mudanças sociais e culturais que lhe foram sendo colocadas.

1. Os grandes problemas

Há alguns grandes problemas que se colocam actualmente às universidades. O maior talvez seja o de harmonizar a democratização do acesso, com um ensino de qualidade e uma investigação a alto nível, isto é, conseguir conciliar quantidade com qualidade. O problema da articulação do crescimento da população universitária com a manutenção da exigência científica é difícil de resolver em virtude dos vários factores que nele interferem.

1.1. Os liames económicos

Desde logo há um problema económico que parece derivar da relação entre os conhecimentos que a investigação produz, a sua transformação em inovações e aplicações técnicas e a sua utilização pela indústria e pelo comércio. Daqui resulta um peso económico cada vez maior pela progressiva articulação entre a investigação universitária, o tecido económico e a vida quotidiana. Este facto tem vindo a alterar as funções da Universidade e, necessariamente, as suas características, implicando ainda a desvalorização de certos sectores e a valorização de outros.

¹ Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Quando as universidades apareceram, na Idade Média, a sua grande tarefa era recuperar os conhecimentos da Antiguidade Clássica e da Época Helenística e organizá-los a partir de uma ideia de totalidade. O saber constituía, ou desejava constituir um conjunto harmónico e ordenado. A concepção dominante era a visão coerente, para que os estudos apontavam, reflectindo a concepção finalística da vida e do mundo.

A natureza agrícola e artesanal da actividade económica desenvolvia-se à margem da vida cultural. A própria organização social em classes, com tarefas distintas e dificilmente intermutáveis, favorecia esta separação. Ou seja, a actividade económica e a produção de riqueza não dependiam da actividade intelectual nem dos seus agentes. Esta situação manteve-se sem grande alteração durante séculos, e só na época moderna, na sequência de uma difícil e lenta assimilação do espírito e da prática experimentais, e da progressiva transformação das descobertas científicas em aplicações práticas, se foram transformando os conteúdos e os métodos de trabalho das universidades.

É com o advento da industrialização que a investigação científica se começa a transformar em técnica e esta em produtos comercializáveis criando uma teia hoje economicamente muito poderosa e com tendência a aumentar. O problema entre a investigação pura e a liberdade de investigar, que o cientista reclama e a ciência parece exigir, face à investigação condicionada por forças económicas exógenas, é relativamente novo na história das universidades.

1.2. As dimensões sociais

Mas há também componentes sociais a considerar, que resultam do facto do ensino superior se ter generalizado, pela crença comum, embora recente, de possibilidades de empregos mais qualificados, e de ascensão social na base dos graus académicos. As razões analisadas anteriormente e a relação entre a complexidade das tarefas e a evolução da sociedade tornaram evidente a necessidade de formações mais específicas e aprofundadas. E esta nova realidade tornou-se evidente para massas populacionais tradicionalmente arredadas do ensino superior, dando às universidades grande pujança, mas levantando problemas novos. Este facto segue de perto igual fenómeno antes verificado com o ensino secundário, o que vem agravar a massificação a que as universidades estão a ser sujeitas e dificultar a articulação de forças aparentemente contrárias.

Assim, por um lado, a investigação científica continua a alargar-se a novos domínios, em virtude da própria dinâmica científica e técnica, por outro, as universidades